

**Os**  
**20**  
**mais lidos**

**do**

*fernanda pompeu* digital

Uma seleção dos 20 textos mais lidos no primeiro ano do site  
[www.fernandapompeu.com.br](http://www.fernandapompeu.com.br)

por Fernanda Pompeu



## APRESENTAÇÃO

O site Fernanda Pompeu Digital completou 1 ano no ar. Para comemorar, preparei este e-book para leitores que já conhecem o meu trabalho e também para futuros navegadores.

Seguindo a lógica do mundo digital, selecionei os 20 posts que ganharam mais estrelinhas. Quero dizer: a escolha foi feita pelos leitores. E eu concordei com a seleção.

Bom proveito!

1



## A vizinha desquitada

Boa a iniciativa dos grandes jornais publicitar seus arquivos numa abertura do baú dos fatos. Alguém definiu, com acuidade, que parte das ocorrências registradas pelos jornais se tornará história. O critério para separar o memorável do esquecido é a relevância coletiva de cada acontecimento.

Assim, na série O Globo 90 anos, deparei com a manchete de 27 de dezembro de 1977: *Lei do divórcio é sancionada hoje e entra em vigor*. O que acontecia antes? As pessoas podiam se desquitar.

Isto é, se separavam na lei, mas não podiam casar novamente. O desquite era carimbo a ser levado até a morte.

Recordo que nos anos 1960 – década das mais rebeldes e criativas do século 20 – , a vizinha da casa ao lado da minha família era desquitada. O que queria dizer, para a atrasada classe média tijuicana carioca, que ela era uma mulher de casamento fracassado. Ou seja, uma mulher com defeito.

Ter um casamento desfeito era desabonador. Mães e sogras aconselhavam: *Ruim com ele, pior sem ele*. Havia um acordo social tácito de que cabia às mulheres segurarem seus maridos, por mais alcoólatras, infiéis, canalhas que fossem. A boa mulher era a que se mantinha casada e, na maioria dos casos, calada.

Apesar da vizinha ser heroica professora primária, mãe dedicada a quatro filhos, organizadora da festa junina da nossa rua, sempre que os adultos se referiam a ela, vinha o adjetivo desquitada.

Daí: professora desquitada, mãe desquitada, organizadora desquitada.

Por essa época aprendi a força do estigma – marca negativa com que se discrimina uma pessoa ou um grupo. Na minha inocência infantil, cheguei a pensar que a vizinha Heloísa havia nascido desquitada. Da mesma forma que mamãe nascera casada e vovó, viúva. Avaliem só a importância que se dava aos estados civis das mulheres.

Mas não demorou para que eu rompesse a noite do preconceito. Foi a partir das aulas de piano com a vizinha Heloísa. Esqueci de contar que a desquitada era também pianista. Então pude conhecer um pouco a mulher que morava ao lado da minha casa. Dei boas risadas com seu jeito gostoso de contar histórias.

Também ela foi sincera quando disse que eu *não levava jeito nenhum para o piano. Mas que não ficasse triste, pois todo mundo nasce com algum talento. Quem sabe o meu seria o da escrita?* Que eu tentasse. Por conta de Heloísa comecei a encher as páginas do

meu primeiro caderno extraescolar. Por conta dela, entendi que mulheres desquitadas podiam ser felizes.

2



## Bonito e solteiro

Sabe aquele docinho que não pode faltar em mesa de aniversariantes de 1 a 90 anos? Aquele que engorda só de olhar, mas a gente nunca aguenta comer um só? Se você pensou em brigadeiro, acertou. Chocolate, leite, manteiga, ovo, açúcar.

Mas talvez você desconheça que essa pequena pérola da doceria brasileira tenha a ver com um militar chamado Eduardo Gomes (1896-1981). Ele ficou conhecido por ter participado do primeiro levante tenentista no Forte de Copacabana.

Episódio que entrou para a história como *Os 18 do Forte*.

O ano era 1922. Jovens oficiais estavam fartos das oligarquias agrárias no poder. Fartos da República Velha. Queriam participar das decisões políticas. Dos 18 que decidiram enfrentar as forças legalistas em plena avenida Atlântica, apenas dois sobreviveram: Siqueira Campos e Eduardo Gomes.

É claro que a partir do episódio os dois ficaram famosos. Eduardo subiu na hierarquia militar. Em 1945 ele era o comandante da Força Aérea Brasileira. Nesse mesmo ano foi lançado como candidato pela conservadora UDN (União Democrática Nacional) à presidência da República, ocupada por seu arqui-inimigo Getúlio Vargas. Gomes concorria com outro militar, o general do Exército Eurico Gaspar Dutra.

Houve lances engraçados. Eduardo Gomes era bonito contrastando com o feioso Dutra. Daí o marketing da sua campanha, de olho no eleitorado feminino, considerado despolitizado, lançou o

slogan: *Vote no brigadeiro, que é bonito e é solteiro.*

Entretanto, o brigadeiro de fina estampa não era muito hábil para ganhar votos e, no final da corrida eleitoral, ajudou a implodir a própria candidatura. No bom livro *Brasil, uma Biografia*, de Lilia M. Schwarcz e Heloisa M. Starling, consta a seguinte passagem. Eduardo Gomes decidiu posar de valente: desancou Vargas e declarou que dispensava o voto dos getulistas. Nas suas palavras: uma malta de desocupados.

Foi a deixa para seus adversários declarem que Eduardo Gomes não gostava dos pobres. Associaram a palavra malta a marmiteiros, ou seja, aos trabalhadores. Um golpe baixo. Mas também é verdade que o brigadeiro apreciava mais os frequentadores de restaurantes do que o povo das marmitas.

O fato é que o brigadeiro perdeu a eleição para o general Dutra. Em 1950, o brigadeiro tentaria a presidência da República de novo, e dessa vez perderia para o próprio Getúlio Vargas – que só

deixaria o Palácio do Catete (então sede do governo federal) dentro de um caixão.

E o docinho de brigadeiro com tudo isso? Aí vai a história: durante a campanha do bonito e solteiro, eleitoras devotas organizaram festas para angariar fundos. E, para sorte nossa, inventaram a iguaria batizada de brigadeiro.

3



## Bora blogar!

Sempre pergunto para as pessoas: *Você tem um blog?* Pois penso que toda gente poderia ou deveria gerenciar, na rede, um espaço organizado para sua comunicação. É evidente que boa parte das pessoas responde: *Não tenho interesse algum.* Nesse momento o papo de blog termina. Uma vez que ter interesse é parecido com ter desejo – dois sentimentos molas que nos movem na vida.

Mas entre as pessoas interessadas em ter um blog para postar assuntos de paixão e compromisso,

existem os que foram à luta e já criaram os seus locais digitais. E há muitos que sentem vontade de blogar mas ainda não fizeram nada. Então dá para pensar em dois grupos bem definidos: os blogueiros e os futuros blogueiros.

Conversando com o pessoal que já tem um blog, as preocupações e os prazeres estão na regularidade das postagens e nas estratégias de disseminação dos conteúdos. Apesar da facilidade tecnológica de postar textos, imagens, vídeos, a exigência de preparar esses conteúdos é igual a que existiu desde que o Gutenberg inventou a prensa no século 15.

Daí blogueiros são seres-esponja que juntam habilidades de escritores, jornalistas e produtores. Esta última habilidade é bem específica, pois um blogueiro ao disseminar suas postagens tem que necessariamente transitar por redes sociais e entender o bebá do SEO – parâmetros para indexação não paga no google.

Seja qual for o tema do blogueiro, há a

comprovação de que posts bem escritos levam vantagem em relação aos de escrita ruim. Com exceção dos youtubers, blogueiros têm que praticar a escrita. Eles também precisam conhecer os fundamentos da linguagem visual. Ou seja, quais ilustrações ou fotos dão um empurrãozinho para a visualização e leitura do texto.

Também conversando com futuros blogueiros – aqueles que querem ter um blog, mas todavia não começaram – percebo que a maior hesitação está no medo da própria exposição e na disciplina de sempre atualizar. Blogs nos expõem e disciplina é conquista. Para começar um blog tem que conviver com os medos e encarar o *erro* com naturalidade.

Todo blogueiro erra! Mas a boa notícia é que a ferramenta digital nos permite corrigir imediatamente. Com apenas um clique podemos editar e reeditar nossos posts. E também aprendemos rapidamente. Então eu digo para qualquer um que quer blogar: Comece.

É fato que os blogs já são quase maiores de idade –

se consideramos o ano 2000 como base. Daí há uma pequena - mas intensa- história para nos ensinar. Já é possível dividir a empreitada em duas colunas: o que o blogueiro pode fazer e o que ele não deve fazer.

Ferramentas, como o WordPress, são muito fáceis de usar. A sequência de tarefas: escrever, revisar, fazer SEO, publicar, divulgar, monitorar é trabalhosa. Mas acreditem, extremamente prazerosa.

4

*h*

## Do H ao Zero

Escolhi uma profissão que não tem carteira assinada e nem plano de carreira. É da família tentativa-erro-acerto. Muitas vezes dá tudo errado, outras até dá certo. Profissão que se parece com a daquela circense que se equilibra na corda bamba.

Acho que decidi que seria escritora quando estava sendo alfabetizada, pois me lembro do prazer com que escrevi as primeiras letras, notadamente quando consegui desenhar a letra H. Senti júbilo.

Quando eu resolvi contar que era isso que queria ser, não fui exatamente encorajada. Os adultos da época – volte cinquenta e poucos anos – não lidavam muito bem com sonhos das crianças. Por exemplo, minha avó materna, dona Cosette, pontuou que escrever era no máximo um hobby.

Mas é claro que insisti. Fui me formando por conta própria. Gostava de acariciar cadernos. Abria na primeira página e o imaginava completamente preenchido. De fato, hoje, devo ter uns 100 cadernos lotados de frases.

Todos eles estão num grande baú entre bolinhas de naftalina para afugentar insetos leitores. Não sinto vontade de ler nada do que escrevi neles, mas também não joga a coleção no lixo.

Nessa vida de escritora, fui e vou tentando de tudo. Roteiros para vídeo e tv, contos para concursos, romance, textos para folhetos, revistas, jornais, internet. Ficção, publicidade, jornalismo. Sou uma franco-atiradora de parágrafos.

Minha grana no banco? Sempre no limite. Nada de conta poupança, nada de investimentos. O dinheiro que nasce morre no dia seguinte. Não dá para pensar em férias no Caribe, festas, futuro.

Alguém deve estar perguntando: *Por que insistir numa profissão tão insegura, tão mal paga?* Tenho duas repostas. A primeira, estou crescidinha demais para mudar de ramo. Deveria ter pensado nisso há quarenta anos.

A segunda, bem mais verdadeira, é que eu adoro escrever. Desde aquela letra H da alfabetização veio um alumbramento que me fez prisioneira. Sei que farei isso até o fim desta vida e em outras. Se outras houver.

Pois existe no ofício de escrever uma delícia impagável. A excitação de partir do zero. Um novo texto é sempre um começo, uma tentativa. O bom texto escrito hoje não garante qualidade ao que será escrito amanhã.

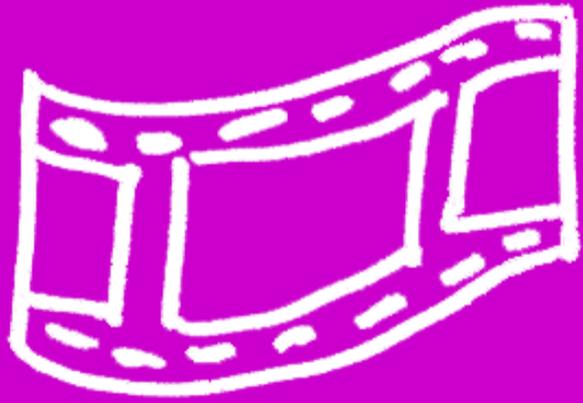
5



## Espíritos

Apreendi com a Dora Ramirez, escritora colombiana e grande amiga, a sempre acender uma vela na hora de escrever. Essa hora não é qualquer uma. Não é tempo de ler e nem de pesquisar. A hora de escrever é a hora da verdade. Momento em que ficamos irremediavelmente sós e sinceros. Instante que entramos no consultório da alma.

6



## Hollywood tijuicana

Imagine uma praça cercada de salas de cinema por todos os lados. Uma ilha de acetato e grandes ilusões. Assim foi nos 1940/50 a praça Saens Peña situada no coração da Tijuca, Rio de Janeiro. Quando juvenzinhos meus pais, além de assistirem a um mar de filmes americanos, passearam, namoraram, beberam a novidadeira coca-cola no Café e Bar Éden.

Todo o frenesi da juventude tijuicana girava em torno dos cines *Carioca*, *América*, *Metro*, *Olinda* e

o poeirinha *Tijuquinha*. A moda vinha das telas, como hoje vem da internet. Os rapazes aprenderam a fumar com os galãs das películas. As moças a passarem batom como faziam as estrelas da América.

Mas não apenas isso. Os filmes também fizeram sonhar e desejar. Ensinararam uma coisa ou outra, do jeitinho que ensinam até hoje. Então eu cresci escutando papai e mamãe contando histórias que haviam vivido entre os cinemas da praça Saens Peña.

Eles não contaram, mas imaginei beijos e carícias trocados no escurinho. Planos de vida sussurrados. O dia que terminaram tudo na saída do Olinda e as pazes feitas no hall do Carioca. Viveram sim um romance de écran.

Ifluência ou não, quando da faculdade, escolhi estudar cinema. Foi excelente. Vi centenas de clássicos, filmes de vanguarda, bons brasileiros, experimentais, marginais. Mas não me tornei cineasta. A caneta, e não a câmara, fisgou todo o

meu interesse.

Colocando as coisas em perspectiva, percebo o quanto ter estudado cinema me ajuda na vida de escritora. Por exemplo, dar ênfase ao que se mostra, mais do que ao discurso. Pensar nos parágrafos como cenas de filme. Procurar obsessivamente o movimento.

De forma fundamental, os filmes me demonstraram o valor do corte e da edição. Suprimir o irrelevante. Editar o texto à moda de sequências fílmicas. Procurar a economia que dá na síntese.

Fico pensando que meu processo foi às avessas. Pois a literatura é bem mais velha do que o cinema. Homero nasceu 10 mil antes do Glauber Rocha. No fundo cabe a cada um descobrir qual lanterna iluminará melhor o seu caminho.

7



## Mulheres com cabelos brancos

Minha mãe nasceu em 1933. O Brasil tinha menos de 40 milhões de habitantes. O presidente da República era Getúlio Vargas. Alguns anos depois estouraria a Segunda Guerra – que deixou mais de 50 milhões de mortos. Os bondes ainda trilhavam e os automóveis eram para os ricos.

Antes de completar 30 anos, mamãe tingiu seus cabelos. Na década de 1960, brasileiras com fios de cabelo branco era indicador de mau gosto e desleixo. Então ela – que sempre foi muito

inteligente – fez a *pintura preventiva*. Pois melhor extirpar o mal antes que apareça. O fato é que lembro da mãe loira, caju, ruiva. Também recorro de suas melenas pintadas de preto.

Eu nasci em 1955. O Brasil tinha mais de 60 milhões de habitantes. Juscelino Kubitschek – o JK – seria eleito presidente da República. A Segunda Guerra havia acabado 10 anos antes. Os bondes começavam a disputar espaço com lotações e táxis.

Aos 40 e poucos surgiram meus primeiros fios brancos. Eu não os pinte. Não os despistei. O tema, antes tabu, virou polêmico. Gravei algumas reações. Eu no restaurante Mercado, em Pinheiros, aproxima-se da mesa um homem da minha idade exclamando: *Parabéns! Finalmente uma mulher que não quer ser loira*. Achei engraçado.

Logo no dia seguinte, teve uma senhora, com idade da minha mãe e cabelos tingidos, disparou enfática: *Pelo amor de Deus, pinta esses cabelos. Já já você vai parecer uma velha coroca!* Não fiz cara feia. Apenas pensei: Quem manda no meu cabelo sou eu. Assim

como mando no meu nariz, na minha bunda, na minha escrita.

Também no salão que frequento na Vila Madalena, onde corto os cabelos com a ótima Laís, cansei de ouvir mandamentos da militância da tinta: *Além de feio, o fio branco é mais grosso e ressecado. Se não quer tingir, passa henna. Pra que ficar com cara de velha?*

É claro que fiz algumas teorias. A sociedade é mais complacente com o envelhecimento masculino do que com o feminino. Fugir dos cabelos brancos é camuflar a própria idade. Esconder as décadas é fingir-se longe da morte etc.

Agora não tenho mais fios nem mechas brancas. O branco virou maioria. E se tiver a ventura de seguir vivendo ficarei com os cabelos completamente brancos. Pois é assim que acontece. Estou na idade dos atenuantes da melanina, do brilho nos olhos, do vigor dos joelhos.

O fato é que gosto da minha cabeleira grisalha. Acho que tem seu charme e um tantinho de

provocação à tradição. Mas de forma alguma faço da minha cabeça bandeira. Não advogo pelo cabelo branco. Saúdo o livre-arbítrio.

Resumo o samba: cada uma faça o que quiser da sua cabeça. Fique loira, ruiva, caju, azul, retinta, marrom, bege, rosa. Liberdade é sinônimo de infinitas possibilidades. Ruim é ouvir: *Você não pode!* Quando é claro que devemos poder. Tudo. Inclusive exibir a cabeleira branca.

8



## O príncipe menstruado

Três meninas. Denise, Fátima e eu. A tarde era de um domingo medíocre e acalorado. A brincadeira, proposta por Fátima, consistia em representar uma cena teatral: o momento em que o príncipe encantado beijava a bela adormecida, acordando-a de um sono enfeitiçado para uma vida fausta em promessas principescas de amor, filhos e paz.

A falta de cenário não incomodava, pois não havia público. Nos preocupamos apenas com o figurino. A madrasta jogou um xale negro e imenso sobre os

ombros, a bela cobriu-se com uma camisola branca e eu mantive minhas calças compridas. Começamos a atuar.

Fátima soltou uma risada que imaginava de bruxa má. Denise deitou-se no chão com os olhos bem fechados, eu a beijei. Então aconteceu: minha língua encontrou a língua de Denise e o beijo revelou-se delicioso. Um beijo de língua entre duas garotas de 11 anos.

O que Denise sentiu eu nunca soube. E passado quase meio século jamais descobrirei. Sei que eu, a menina-príncipe, viajei. A língua de Denise transformou-se em um tapete voador e me transportou daquele domingo para além das montanhas do Rio de Janeiro e do oceano Atlântico. Aquela língua conversava com a minha e me contava de tesouros possíveis.

– Já chega!, gritou Fátima francamente amuada.  
Eu tive uma iluminação: – Vamos repetir a cena, vamos ensaiar até ficar bom. Denise não disse nada. Tão somente me encarou com seus olhos enormes,

secretos, de amêndoa. Tudo o que eu queria, com toda convicção, era voltar a beijá-la. Foi o que fizemos.

Seguimos com as línguas quando eu senti que algo saía de dentro do meu sexo, molhando a calcinha. Algo que jamais havia sentido. Fluxo indescritível. Logo Fátima, a líder, cansou de ser bruxa e Denise, a doce, se levantou. Fartas do teatrinho queriam outro jogo naquele esmorecer domingueiro.

Eu decidi que não brincaria de mais nada, mesmo porque sabia que as amigas iriam querer brincar com bonecas. Eu detestava bonecas, todas elas. Odiava as bonecas que traziam um sorriso congelado, as que traziam um beicinho choroso, as que eram meninas, as que eram meninos. Para mim, bonecas pareciam crianças mortas.

Por fim as amigas se foram e eu fui pesquisar-me no banheiro. Então vi na calcinha o sangue. Inaugural. Estava menstruando. Assim como minha mãe, minha tia, minha irmã mais velha. Senti tentáculos apertando a garganta: Acabou-se a

infância, chorei.

A mãe disse – Agora você é uma mocinha.

A tia alertou – Não poderá mais subir nas árvores.

A irmã concluiu – Você vai ver como é chato.

A mãe explicou como colocar o absorvente. E prometeu que contaria para o pai. Depois ele não disse nada. Esse assunto não era para homens.

Segunda-feira, na escola, contei a novidade. Denise sorriu e Fátima disse: – Você tem que disfarçar bem o modess para os meninos não perceberem. No mês seguinte à primeira menstruação, meu corpo explodiu, cresceu para todos os lados. Meus peitinhos pressionavam a blusa escolar. Acabados de nascer já vicejavam.

Nesse momento descobri o significado profundo da palavra esconder. Eu precisava esconder a menstruação e dois incômodos seios. Esconder o novo corpo de mulher na recente menina. Misturado a essas estranhas transformações eu guardava a lembrança da língua da Denise. A memória daquela boca.

Em outra tarde de domingo, eu e Denise saíamos de mãos dadas. Entramos pela milésima vez na padaria *Majestade da Tijuca*. E aconteceu: o balconista se aproximou furtivo e tocou os meus pequenos seios Apertou-os. Eu me senti um pãozinho francês apalpado por um sapo. Denise se salvou. Denise ainda não tinha seios. Por que cabia a mim tê-los?

Pela tardinha, montei na minha bicicleta. Mamãe advertiu: – Agora você tem que sair de blusa! Bati o pé e fui para minha derradeira volta de bicicleta com o torso desnudo. Foi a última vez que o vento escreveu poemas nos seios nus do príncipe.

9



## Papai é uma árvore

Meu pai achava o máximo ter nascido no 21 de setembro – dia da árvore – não só porque ele se amarrava em cipós de símbolos, mas principalmente por amar frutos. Ele acreditava que o grande trabalho da humanidade era deixar filhos, trilhas, ideias para que a roda do mundo seguisse sem parar.

Nascido em 1930, acreditou que a realização máxima das mulheres era a maternidade. Eu, que nunca quis filhos, discordava é claro. Tentava

mostrar que essa visão era machista e reducionista. Mas ele não arredava pé. Tanto que ao abrir sua terceira livraria, no final de 1970, a batizou de *O Parto*.

Na livraria *O Parto*, situada numa galaria na esquina da São Bento com Boa Vista, o menu era de livros políticos. Tinha Mikhail Bakunin, Alexandra Kollontai, Leon Trotsky, Paulo Freire e muito Karl Marx. O público de esquerda adorava ler, mas nem sempre pagava. Então era difícil para o meu pai fechar o mês.

Mas nunca o vi reclamar com os não pagantes. Primeiro porque ele amava livros, segundo porque era homem de esquerda que desprezava *ganhar dinheiro*. Ele deixou a livraria para o sócio quando, com a anistia política, retornou ao emprego no Banco do Brasil.

Árvore e parto eram uma só coisa para ele. Os dois formavam a força-tarefa da natureza. Ele via a natureza de forma bem particular e bastante diferente dos atuais ambientalistas. Para o meu

pai, natureza e homo sapiens viviam em inexorável conflito. Tudo era desafio.

Não à toa seu livro predileto foi *O Velho e o Mar*, do Ernest Hemingway. Papai se deleitava com a história do velho e solitário pescador na batalha para fisgar um enorme peixe nos mares de Cuba. Para o meu pai vencedor era aquele que lutava, pouco importando se o resultado desse em derrota. Carrego quilos de saudades dele.

10



## Profissão: vendedora de flores

Bastou um átimo. A porta da garagem de uma casa no Alto de Pinheiros se abriu. Ela viu a garotinha. Devia ter três, quatro anos? Assim sozinha sem mãe, pai, babá. A vendedora que passava a vida oferecendo rosas brancas, vermelhas, amarelas, não pensou segundos. Agarrou a menininha, pôs a mão na sua boca para que ela não gritasse. A criança mordeu a mão da florista. Esta aguentou firme. Pôs a garota no cesto. A mais bonita das rosas. Saiu pedalandando feito raio.

11



## Reconfigurar sagaranas

A gente não tem chances infinitas de corrigir a rota para alcançar o porto que queremos. Por toda vida, talvez tenhamos três ou quatro oportunidades para acertar o alvo. Aqui me refiro a oportunidades internas – aquelas que nós mesmos nos damos.

Nos últimos tempos muita gente escreveu, nos livros e redes sociais, que devemos abandonar o emprego quando estamos infelizes com ele. Chegar para o chefe, dar uma banana, encher a boca e saltar o sonoro: *fui!*

Mas a vida como ela é: nem sempre é possível abandonar o lugar onde se ganha o pão com manteiga, os tênis para caminhadas, a mensalidade da escola do filho. Segue lista! Não existe vida sem contas a pagar.

Até mais dramático: não há empregos sem sapos a engolir. Alguns autores, majoritariamente americanos, ganharam bastante grana vendendo mantras nos encorajando a fugir de empregos chatos, burocráticos, repetitivos.

Esses autores perceberam que a maioria dos humanos gostaria de trabalhar em funções e postos desafiadores, criativos, abertos. No entanto, a maior parte dos trabalhadores do mundo está longe dessa utopia.

Eu passei boa parte da minha história profissional esperando o editor genial, o mecenas camarada, o leitor paciente, o dinheiro na conta. Nenhum dos quatro deu as caras. Ou, quem sabe, não foram com a minha cara.

Minha solução foi procurar recursos interiores para trilhar cenários adversos. De jeito algum mudei de ramo. Não apenas por conta da paixão de escrever, mas também pela certeza de que fracassaria em qualquer outra atividade.

Quando percebemos que não podemos sair do emprego, ou que é inviável mudar de ramo, surge uma oportunidade de ouro: se reinventar. Se não dá para transformar a paisagem, que tal olhá-la de um outro ângulo? Repaginar o trabalho pode nos ajudar a ver diferente.

O que não é necessariamente ver coisas novas, mas ver o que estava invisível. Há coisas boas na frente no nosso nariz, implorando por atenção. Várias atividades profissionais são desvalorizadas, o que não significa que elas não tenham valor. Valorizar o que fazemos começa com a gente.

Outro dia entrei na Fnac de Pinheiros perguntando pelo Sagarana, livro de contos do João Guimarães Rosa, publicado em 1946, considerado um

clássico. A vendedora franziu a testa, procurou no computador, disse: *Esse título é muito antigo, não temos na loja.*

Ouvindo a conversa um outro vendedor me conquistou: *Não temos o Sagarana no momento, mas temos o Grande Sertão e o Primeiras Histórias do mesmo Guimarães Rosa.* Agora responda: qual dos dois vendedores trabalha mais feliz?

12



## Rumo a Genebra

Embarcando na Gare de Lyon: indo para a Suíça. Quero prestar minha homenagem de leitora adicta ao Jorge Luís Borges. Ele morreu faz nove anos. O dia coincidiu com o suicídio de uma querida amiga. Ela tinha 20 anos. Por conta do choque com a perda da Fabíola Camargo – esse era o nome da amiga querida – , quase não senti a morte do grande bruxo da literatura portenha, argentina, latino-americana, universal. Borges escolheu ser enterrado em Genebra.

Pela janela do TGV curto a paisagem europeia. Árvores de outono chamando pela vizinha primavera. Tenho 39 anos e esta é a primeira vez que venho à Europa. Sinto que as coisas aqui estão prontas. Daí a forte conexão com o passado. Sentimento que adoro. Acho que meu perfume predileto é a naftalina. Nem é preciso visitar museus. É só olhar para os lados. Daqui três horas chegarei em Genebra.

Agora estou em frente ao lago da cidade, o Léman. Mantenho os olhos bem abertos. Mas não basta. São necessários os sentidos todos para fotografar, sem câmera, tamanha beleza. Viajar é tão somente gozar a plenitude. Uma escritora pode aprender muito sobre ritmos das narrativas com as paisagens. Elas ensinam principalmente que devemos mudar o andamento.

Fim de tarde: chego ao cemitério de Plainpalais. Tenho que ser rápida, vão fechá-lo na próxima meia hora. Procuro pelo túmulo do escritor. Encontro. Sobre a grama há um linda pedra trabalhada. Nela a epígrafe: Jorge Luís Borges

(1899-1986) com a enigmática frase: *And ne forhtedon na*. Escrita em inglês antigo foi traduzida de várias maneiras. Prefiro uma tradução mais borgiana: *Nascido para nada*.

13



## Sem remédio

Primeiro, se revoltou. Depois foi emudecendo. A gente luta para vencer o patrão, o padrão, o mar, um dragão. Mas contra morte, dá jeito não.

14



## Seu garçom faça o favor

*A partir de matéria da Folha de S.Paulo, 20/5/2016*

José Catalão, garçom do Palácio do Planalto, foi um dos primeiros desempregados da gestão Michel Temer. Servindo chás, cafés e licores – desde o governo Lula, passando pelo da Dilma – é o tipo de funcionário que sabe muito. O pessoal da cozinha, dos elevadores, da limpeza não têm direito à voz, mas têm ouvidos.

O fato é que a equipe do novo governo achou melhor tirar o Zé Catalão do Palácio. Temiam que, além de garçom, ele se tornasse pombo-correio

levando informações para outro Palácio, o da Alvorada, onde se concentram os correligionários da presidente afastada.

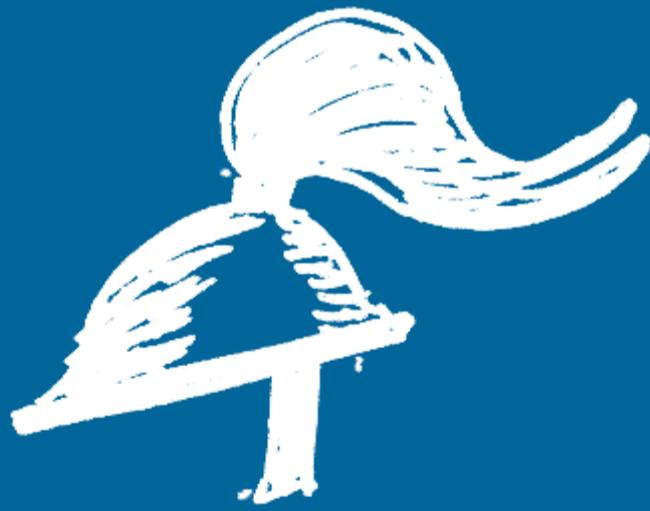
São esses momentos em que a vida imita as fábulas. Destrona-se o rei, elimina-se os trabalhadores domésticos. Como o garçom não era concursado, nem tinha moeda para trocar nada, seu destino foi a demissão. A matéria da Folha de S.Paulo anota que o salário de Catalão era de 3.870 reais.

A notícia me chamou a atenção porque, fora dos restaurantes, raramente penso nos garçons. Ainda mais nos garçons do Poder. Desde que li a matéria não consigo esquecer do José, parecido com o do Drummond: *Quer abrir a porta, não existe porta; quer morrer no mar, mas o mar secou. E agora, José?* Será que ele vai arranjar emprego na sua profissão em Brasília?

Sei que ele tem 52 anos e imagino que não more no Plano Piloto. Imagino várias outras coisas, inclusive a tristeza dele. Mas talvez ele seja mais realista do

que eu. Do tipo que diz água de rio sempre corre para o mar. Talvez ele soubesse que sua presença em um palácio só podia mesmo ser fugidia.

15



## Um santo pra chamar de meu

Reconheço na maioria da vida dos santos abnegação, sacrifício, compaixão. E, é claro, esforço e graça em amar o outro, principalmente quando esse outro são crianças, bichos, enfermos, velhinhos. Os santos amaram, cada um ao seu modo, a imensa legião dos sem. Sem dinheiro, sem casa, sem país, sem alfabeto, sem direitos, sem sorte. Praticaram o chamado e idealizado *amor gratuito*.

Sempre me surpreendeu quando amigo ou

conhecido revelava seu santo de devoção. Filha de mãe e pai ateus, vivi minha infância sem medalhinhas ou retratinhos bentos. Mas, brasileira, sou herdeira de uma religiosidade mestiça, abundante e flexível. Daí na minha vida adulta, percebi que eu também precisava eleger um santo *pra chamar de meu*.

Por fidelidade de gênero, no princípio, procurei uma santa. Tendi para a Santa Clara, uma vez que no começo da minha saga de trabalhadora estive envolvida com cinema, vídeo e televisão. Encontrei poética a ideia de uma santa que, em 1688, fez uma menina cega voltar a ver. Clara de Assis que se tornaria, no século XX, a padroeira dos ofícios da imagem. Mas foi uma escolha cerebral demais, não pegou no coração. Segui deserdada de santo.

Até que numa data qualquer, ouvindo uma emissora de rádio, me encantei com a voz da xará Fernanda Abreu interpretando Jorge da Capadócia, de outro Jorge, o Ben Jor: *Jorge sentou praça/ na cavalaria / Eu estou feliz / porque eu também / sou da sua companhia*. A partir da canção, minha memória

ateia passou a recuperar milhares de imagens do lanceiro sobre um cavalo. Nos táxis, nas cozinhas, nos bares, nos barracos. O cavaleiro lutando contra o dragão da maldade.

Gostei principalmente de ele ser um santo guerreiro. Aquele que sabe que paz se conquista com luta. Pronto. Virei São Jorge. Entrei para a legião dos milhões de devotos. Ele é santo em rede, conhecido no Oriente e Ocidente, popular nas igrejas Católica, Ortodoxa, Anglicana. Aquele que conjuga *força e fé*, pois uma pode nada sem a outra. Se você age sem acreditar, dá em nada. Também dá em nada acreditar sem agir. Por fim, São Jorge é Ogum! *E beira-rio, beira-rio, beira-mar / o que se ganha de Ogum / só Ogum pode tirar.*

16



## Um tiro

Meu saudoso pai comprava flores no mercado municipal de Taubaté – Vale do Paraíba -, quando a florista esbaforida soltou a bomba: *Acabei de ouvir no rádio que o velho se matou!* O velho era Getúlio Dornelles Vargas, presidente do Brasil. O rádio, em 1954, era o principal veículo pelo qual os brasileiros ouviam músicas, programas humorísticos e notícias. TV era bem de ricos.

O que se seguiu foi uma agitação gigantesca. O falecimento de um presidente em exercício já seria

motivo para um metralhar de aflições e análises. Mas a morte por suicídio – um tiro no coração – fez com que os brasileiros ficassem perplexos. O homem mais poderoso do país, de forma trágica, pulara para fora do poder e da vida.

Papai, com 23 anos, correu do mercado, pegou sua bicicleta e pedalou furiosamente. Com uma das mãos controlava o guidom, com a outra carregava um buquê de rosas vermelhas. Elas eram para a minha mãe que aniversariava naquele 24 de agosto. Ao saber do drama, mamãe ficou tão chocada que, à noite, eles não sopraram velinhas, nem cantaram o *parabéns pra você*.

O Rio de Janeiro, então capital federal, levou uma multidão para as ruas, a compor o cortejo fúnebre. Todos queriam ver alguma coisa do morto, pranteá-lo. O gaúcho, nascido em São Borja no ano de 1882, havia sido um *3 em 1*: revolucionário, ditador, presidente eleito. Morto, em questão de horas, virou um mártir da nação.

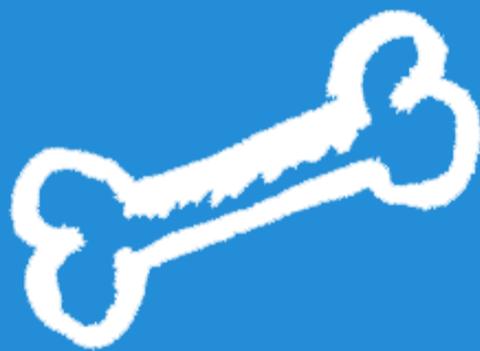
Durante toda a minha vida, ouvi essa história

repetidas vezes. Meu pai ressaltava o trauma político, a relevância de Getúlio para os trabalhadores, a oposição furiosa de seu maior inimigo Carlos Lacerda etc. Minha mãe realçava a parte do bolo, das velinhas apagadas, da comemoração frustrada. Eu nasceria um ano e dois meses depois.

Até hoje, quando aparece a oportunidade, pergunto para os mais velhos onde eles estavam quando souberam da morte de Getúlio Vargas. Todos – fãs e detratores – conseguem se lembrar. E invariavelmente fazem menção à última frase de sua carta de suicida: *Serenamente dou o primeiro passo no caminho da eternidade e saio da vida para entrar na História.*

Há pesquisadores que afirmam que a carta-testamento teria sido redigida por um escritor fantasma. Provavelmente, pois presidentes por falta de tempo ou de talento, em geral, não costumam escrever o que dizem. Mas isso importa pouco. Para o imaginário popular, a linda frase final é do nosso suicida mais famoso. Ponto final.

17



## Velho Chico

Ele foi concebido na esquina da rua Rodésia com a Harmonia, na Vila Madalena. Sua mãe, uma fox terrier, se engraçou (melhor dizer, se enroscou) com um cocker. Deu no Chico, vira-lata de primeira geração.

Conto que ele sempre foi um tipo nervoso, de pelos arrepiados, focinho para cima, caninos agudos. Na sua juventude, pegava biscoitos e borboletas no ar. Pressentia a presença de um igual a longas quadras. E se punha em posição de ataque.

Que não me venha nenhuma psicóloga dizer que os cães são resultado da criação. Pois o meu Chico nunca ficou preso, sempre foi o rei do sofá, passeia todas as manhãs. E jamais recebeu um peteleco.

A realidade é que ele detesta outros cães. Já gastei bons reais para consertar o nariz do cachorrinho da vizinha, a pata de uma cadela de grande porte do guarda da praça. A agressividade, me disse um veterinário, é da natureza dele.

Mas, além de feroz, ele é doce. Faz o maior auê quando entro em casa. Salta, abana o rabo, lambe. É tão bom! Ele me ama sem questionar se eu sou uma pessoa bom caráter ou não. Também não dá a mínima para o que eu escrevo.

Vida que voa, meu Chico envelheceu. Nos últimos meses, parece que ele engatou uma quinta marcha ladeira abaixo. A cada mês vem uma má novidade. A última, são os engasgos noturnos.

Está surdo, isso mesmo, como uma porta. Tem

dificuldade de subir na cama e de descer a escada. É cegueta. Não enxerga na frente do nariz nem biscoito, nem borboleta. Nem percebe a aproximação de seus antigos inimigos.

No entanto, no passeio da manhã de hoje, a mais ou menos 100 metros de distância de onde estávamos, um pastor alemão cruzou a rua. O meu Chico se encorpou, se pôs em posição de mordida.

Deu um puxão na guia e saltou, a plenos pulmões, seu latido de guerra. Por sorte, o pastor vinha preso ao lado do dono. No final tudo se resumiu em caras e focinhos feios dos dois lados.

A cena me provocou insight, lampejo: meu cachorro – surdo, vacilante, cego – está vivo. Vivíssimo. Da mesma forma, que muitos velhinhos e velhinhas mundo afora. Quando a gente pensa que eles desistiram, de repente, eles escancaram a garra.

18



## Versos da madrugada

Pedro Paulo está remoendo uma dor que o azucrina: o fim do seu segundo casamento. Pelo seu ponto de vista, ele continua o mesmo homem de um ano atrás, quando juntou com ela corpos e louças para lavar.

Ele desconfia que as mulheres são maldosas. Com a primeira ex, tudo ia na santa ordem, até a noite em que ela gritou: *Pra mim chega, Pedro Paulo! Pega sua vida e dá o fora!*

O pobre se mandou levando o notebook e os livros. Deixou os móveis e o bebê. Pedro Paulo tem a sensação de que sempre foi perseguido. Na infância, pela mãe que o queria limpinho, comportado, gordinho.

Depois pelo pai, coronel da Aeronáutica, cujo pavor eram dois: que o filho virasse comunista ou veado. O rapaz se viu obrigado a jogar futebol, ler *O Globo*, competir no judô e exibir namoradas.

Foi muito duro para Pedro Paulo, pois ele amava os romancistas russos e declamava herméticos versos nas madrugadas de sua adolescência.

# 19



## Zuzu Angel

Antes de ser uma designer internacional de moda, ela foi costureira –dessas que se debruçam sobre a máquina Singer e tratam agulha e linha com dedos de anjo. Antes de abrir uma loja de roupas no badalado Ipanema carioca, ela nasceu em Curvelo – uma das portas de entrada do sertão mineiro. Antes de se tornar *persona non grata* para os militares da ditadura, ela era a mãe de três filhos – duas moças e um rapaz.

O itinerário de sucesso de Zuzu Angel se

tornou trágico quando, um ano depois do desaparecimento de seu filho Stuart Angel, ela leu uma carta escrita pelo preso político Alex Polari. Nela, Alex conta ter testemunhado o assassinato do jovem de 26 anos nas dependências do Cisa – Centro de Informação da Aeronáutica, na Cidade Maravilhosa. Angel era quadro de direção do MR-8, um dos vários pequenos grupos de resistência armada.

*Diz a carta: Consegui com muito esforço olhar pela janela que ficava a uns dois metros do chão e me deparei com algo difícil de esquecer: junto a um sem-número de torturadores, oficiais e soldados, Stuart, já com a pele semiesfolada, era arrastado de um lado para outro no pátio, amarrado a uma viatura e de quando em quando obrigado, com a boca quase colada a uma descarga aberta, a aspirar gases tóxicos que eram expelidos.*

A partir da leitura da carta, Zuzu Angel se tornará incansável e irredutível na denúncia do assassinato do filho e na procura de seu corpo. Enterrar ou cremar corpos amados é direito básico e inalienável do ser humano. Somos – até aonde eu sei – a

única espécie a fazer isso. Trata-se de um ritual de homenagem e encerramento.

Que digam, com lágrimas e propriedade, familiares e amigos dos desaparecidos durante a ditadura militar e nas favelas e periferias de hoje. Mães de Stuarts e Silvas se igualam no pranto. Zuzu Angel (1923 -1976) se tornou símbolo da mãe à procura do corpo do filho por tenacidade própria, mas também por suas circunstâncias. Já explicou o filósofo espanhol Ortega y Gasset: *Eu sou eu e minhas circunstâncias*.

Inteligente e bem relacionada, ela soube tirar partido da dupla nacionalidade do filho (brasileira e americana), chegando a entregar um dossiê para o então secretário americano Henry Kissinger. Também mobilizou algumas celebridades de Hollywood. Estas a conheciam pela excelência de seu corte e costura. Mas tudo isso foi em vão, pois as autoridades brasileiras negavam inclusive a prisão do rapaz. Seu rosto continuava impresso em cartazes de Procurados.

Zuzu estampou seu protesto e sua dor nos tecidos

em que trabalhava. Se antes eles eram cheios de cor e de alegres motivos tropicais, agora vinham com pássaros engaiolados, anjos amordaçados e balas de canhão. Há quem diga que com essa ação, ela inaugurou a primeira coleção de moda política da História. Quem passasse por ela dando *bom dia*, ouviria: *Você pode ajudar a encontrar o corpo do meu filho?*

Contam também que numa viagem aérea, minutos antes da aterrissagem, ela tomou o microfone da comissária e passou o seguinte recado aos atônitos passageiros: *Vocês vão descer no Aeroporto Internacional do Galeão, no Rio de Janeiro, Brasil. Saibam que neste país torturam e matam jovens estudantes.*

Firmeza e insistência cessaram na manhã de 14 de abril de 1976. Na saída do túnel Dois Irmãos, na Estrada da Gávea, o carro de Zuzu bateu na mureta de proteção e capotou. Ela morreu na hora. Um tempo antes, ela havia deixado uma carta com o compositor Chico Buarque, na qual avisava: *Se eu aparecer morta, por acidente ou outro meio, terá sido obra dos assassinos do meu amado filho.*

20



## 1964 foi amanhã

Eu tinha oito anos, quando policiais invadiram a minha casa e levaram meu pai preso. Essa foi a primeira vez que ouvi falar do golpe militar. A partir desse dia, e por mais de vinte anos, a ditadura fazia parte da minha vida e da minha família.

Passados mais de 50 anos, eu adoraria não voltar a essa cena. Fazer uma página virada do folhetim de autoritarismo, repressão, censura, mau humor, e muita burrice. Adoraria não escrever mais nada

sobre 1964.

Mas o problema é que a conta não fecha. A imagem é horrível, mas verdadeira: o sangue daquela época não estanca. Porque os ossos da maioria dos desaparecidos ainda não apareceram. Porque as circunstâncias de várias mortes não foram elucidadas. Porque torturadores devidamente reconhecidos seguem de boa.

A simples menção à abertura de arquivos, comissão da verdade, responsabilização faz tremer parte da sociedade. Freud, se vivo, adoraria estudar os brasileiros. A gente, muitas vezes, detesta revisitar nossa vergonha e brutalidade.

Passar a borracha na história ruim é o nosso esporte preferido. Ganha até do futebol. Então para que falar dos séculos de escravidão, mesmo que eles tenham deixado como herança metade da população empobrecida e humilhada?

Para que falar da ditadura militar, mesmo que ela tenha deixado como herança temas-tabus, corpos insepultos, torturadores impunes, histórias mal

contadas? Para que voltar e voltar ao passado? O fato é que a ditadura acabou, mas seus reflexos ainda não. Talvez só termine quando morrer a última pessoa que lembre dessa época. A garotada de trinta anos pode achar que 1964 é coisa de livro de história. Mas seus pais sabem que não. No mínimo, eles foram expostos a uma cultura autoritária, a informações controladas, ao medo de sirenes e fardas.

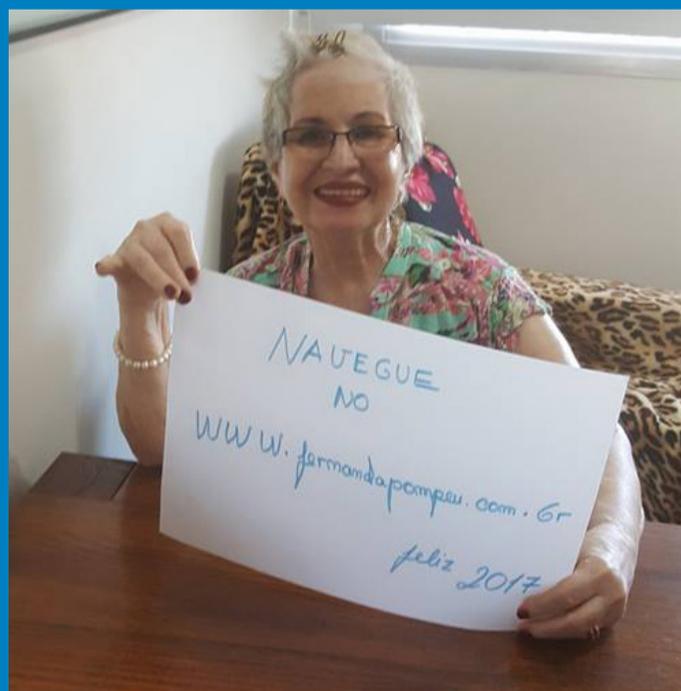
É claro que o país mudou. Inegável que as transformações foram rápidas e indiscutíveis. Afirmaram-se vários movimentos e atores políticos. Vejam os movimentos de mulheres, dos negros, dos LGBTs, das pessoas com deficiência, dos blogueiros e blogueiras.

Um outro Brasil? Ainda não. Falta encarar o espelho. Falta pegar o caderninho ou o tablet, e passar a limpo as dívidas históricas. Uma tarefa que eu e você somos capazes de fazer.

# CONHEÇA O SITE

[www.fernandapompeu.com.br](http://www.fernandapompeu.com.br)

O Fernanda Pompeu Digital reúne vários blogs com diferentes gêneros de texto. Num assalto a gavetas, há textos escritos faz anos. E também os saidinhos do forno, escritos na última meia hora.



*Mamãe, minha garota propaganda*

## Perfil



*Fernanda Pompeu: escritora, blogueira,  
diretora do Brilho Escrita Digital*

Sou blogueira desde a Idade da Pedra da Internet. Quando a gente só postava palavras e acendia velas para que alguém nos lesse. Redes sociais eram a conversa de vizinhas e de homens na mesa dos bares.

Tudo mudou e mudei junto. Hoje tenho meu site que reúne vários blogs. Entrei para valer na plataforma multimídia. O texto segue sendo a minha praia, mas ele vem apoiado por fotos, ilustrações vídeos. Quem ganha com tudo isso é o leitor-navegador.

Já fui muitas coisas: estudante de cinema, roteirista, redatora publicitária e de ONGs, pena de aluguel,

jornalista ocasional. Também fui escritora de livros físicos.

Neste momento da minha vida resolvi fechar o foco. Estou toda digital. Tenho estudado para valer marketing de conteúdo, SEO, curadoria de sites, escrita digital.

Por um tempo me defini como oficina de redação. Agora sou oficina de escrita digital. Quero ajudar as pessoas a escrever para postar com elegância e eficácia.

## Quer conversar?



[fernanda@fernandapompeu.com.br](mailto:fernanda@fernandapompeu.com.br)



[facebook.com/fernandapompeudigital](https://facebook.com/fernandapompeudigital)



[twitter.com/pompeufernanda](https://twitter.com/pompeufernanda)



[linkedin.com/in/fernandapompeu](https://linkedin.com/in/fernandapompeu)



WhatsApp 11 999917159



[capimletrado](https://soundcloud.com/capimletrado)

Os 20 mais lidos do  
[www.fernandapompeu.com.br](http://www.fernandapompeu.com.br)

**GOSTOU?**  
Compartilhe este e-book

